

Prova

Pensamento 1 – F. Nietzsche



* Prova aplicada no dia 14/11/2024, pelo site www.olimpiadadeliteratura.com.

INSTRUÇÕES INICIAIS

Prezado(a) competidor(a), leia atentamente as instruções abaixo:

- 1 - A prova tem duração de 1h (uma hora). Terminado o tempo, a prova será interrompida e enviada automaticamente à Comissão Organizadora da OL, que avaliará apenas as questões respondidas.
- 2 - Você tem apenas 1 (uma) tentativa. Depois de terminar a prova, não é possível retornar a ela e fazer alterações.
- 3 - A prova é individual e só poderá ser respondida pela pessoa inscrita, sob pena de desclassificação da competição e banimento das competições futuras.
4. Há questões de múltipla escolha, associação e verdadeiro ou falso. Todas as questões têm uma única resposta correta.
- 5 - A pontuação que você obtiver nesta prova será enviada por e-mail logo que você responder a todas as questões ou que o tempo de prova terminar.
- 6 - A pontuação máxima desta prova é de 1000 (mil) pontos.
- 7 - Para responder às questões desta prova, você deve levar em conta apenas o enunciado das questões e o texto *Verdade e Mentira no Sentido Extramoral*.

Boa Prova!

Leia o trecho abaixo, do texto *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extramoral*, de F. Nietzsche:

“Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer. – Assim poderia alguém inventar uma fábula e nem por isso teria ilustrado suficientemente quão lamentável, quão fantasmagórico e fugaz, quão sem finalidade e gratuito fica o intelecto humano dentro da natureza. Houve eternidades, em que ele não estava: quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido. Pois não há para aquele intelecto nenhuma missão mais vasta, que conduzisse além da vida humana. Ao contrário, ele é humano, e somente seu possuidor e genitor o toma tão pateticamente, como se os gonzos do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos entender-nos com a mosca, perceberíamos então que também ela boia no ar com esse *páthos* e sente em si o centro voante deste mundo. Não há nada tão desprezível e mesquinho na natureza que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não transbordasse logo como um odre; e como todo transportador de carga quer seu admirador, mesmo o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, pensa ver por todos os lados os olhos do universo telescopicamente em mira sobre seu agir e pensar.”

(+ 60) Com base na citação, podemos afirmar o seguinte:

- O conhecimento é algo humano, por isso efêmero.
- O conhecimento não é uma invenção humana.
- Não há nada além do conhecimento no universo.
- O homem é, por natureza, um ser orgulhoso.
- A natureza quer acabar com o conhecimento.

(+ 60) Na segunda frase, a expressão “história universal” vem grafada entre aspas, porque...

- a história universal é apenas uma perspectiva do universo desde o conhecimento humano, que não supera o próprio homem – e por isso não pode ser universal.
- Nietzsche quer destacar a enorme relevância do homem na história do universo.
- o autor quer enfatizar que o homem não tem relevância na história do universo.
- o conhecimento humano é desprezível dentro da história do universo, tendo sua finitude anunciada desde os primórdios, pelo simples fato de que é uma criação humana.
- o conhecimento humano é fruto da história universal, que coloca o homem apenas como um capítulo dentre outros que possam surgir.

(+ 60) Ainda no trecho, encontramos o seguinte: “Houve eternidades, em que ele não estava: quando de novo ele tiver passado, nada terá acontecido. Pois não há para aquele intelecto nenhuma missão mais vasta, que conduzisse além da vida humana”.

Como podemos interpretar essa passagem?

- O conhecimento é algo humano, que possui importância apenas para o seu criador e é insignificante para além do próprio homem.
- A missão do intelecto humano supera o próprio humano, revelando assim que o intelecto serve a coisas superiores.
- O conhecimento pertence à natureza de modo geral, mas o homem o utiliza para conduzir sua própria vida, e nada além dela.
- O intelecto não serve para nada.
- O homem se apropria do conhecimento como se ele fosse algo apenas humano, mentindo para si mesmo sobre a sua própria natureza.

(+ 60) Sobre o **intelecto**:

- Apesar de insignificante para além do humano, o homem se regozija com ele e se orgulha de o possuir, como se fosse a coisa mais importante de todas.
 - Apesar de efêmero, há aqueles que se orgulham de tê-lo, mesmo sabendo que ele não serve ao homem.
 - Para o homem, ele é a coisa mais importante de todas, porque faz com que consigamos ver o universo, e assim o universo é capaz de nos ver.
 - Para o filósofo descrito no texto, o intelecto é uma invenção humana, sem importância para além do homem, de tal modo que ele não deve ser visto e admirado como algo universal.
 - Não podemos desdenhá-lo, porque apenas os orgulhosos assim o fazem.
-

(+ 60) Podemos estranhar o orgulho que o homem sente pelo intelecto, porque...

- isso se assemelha ao orgulho que um doente teria de seu remédio.
 - não podemos nos orgulhar do que não temos.
 - o orgulho é um pecado.
 - ninguém pode se orgulhar de algo que serve para nos prejudicar.
 - ele se parece com o orgulho que um animal teria da sua força natural.
-

(+ 60) No homem, para que o intelecto serve principalmente?

- Disfarce.
 - Prudência.
 - Verdade.
 - Justiça.
 - Orgulho.
-

(+ 60) Veja as poesias abaixo, todas da Helena Kolody, e assinale aquela que serve melhor como alegoria para relação do homem com o seu sentimento sobre o conhecimento e a percepção.

- O brilho da lâmpada, no interior da morada, empalidece as estrelas.
 - Voo solitário na fímbria da noite, em busca de pouso distante.
 - Bomba-relógio escondida no recôndito da vida, seu tempo vai esgotando.
 - Martírio transpassado de alegria, Inefável agonia de criar.
 - No silêncio luminoso da tarde, as árvores desfolham-se em pardais.
-

Assinale V para verdadeiro e F para falso:

(+07) Com o intelecto, o homem é capaz de disfarçar sua fraqueza.

- V
 - F
-

(+07) O homem é naturalmente dotado de força, e o intelecto o enfraquece.

- V
 - F
-

(+07) A verdade está no conhecimento.

- V
 - F
-

(+07) O intelecto é capaz de manter o homem preso à existência eternamente.

- V
 - F
-

(+07) O conhecimento da natureza corresponde ao que é a natureza.

- V
 F
-

(+07) A mentira é ausência de conhecimento.

- V
 F
-

(+07) O homem mente, porque não conhece o mundo.

- V
 F
-

(+07) O intelecto pertence aos fortes e aos fracos igualmente.

- V
 F
-

(+07) Sem o intelecto, o homem não teria condições de existir.

- V
 F
-

(+ 60) Uma das perguntas que Nietzsche se faz é sobre como surge o impulso pela verdade em um mundo em que a dissimulação é de certo modo preferida por todos. É uma questão que percorre o texto, mas não se resolve rapidamente. À certa altura, ele fala de uma obrigação de dizer a verdade...

- que surge não como amor à verdade e repúdio à mentira, mas como conveniência (convenções sociais), já que a mentira, quando identificada pelos outros, poderia trazer prejuízo à imagem de quem a pratica.
 - que nasce no homem quando ele já não precisa mais mentir para sobreviver, isto é, quando atinge conhecimento suficiente para permanecer vivo em meio às ameaças da natureza.
 - que sempre esteve presente no homem, mas de forma enfraquecida, e que se torna mais forte à medida que ele se distancia da natureza e se aproxima do sobrenatural.
 - que é algo que se manifesta apenas em alguns homens, que são assim chamados de “filósofos”, e que socialmente não têm nenhuma relevância — por isso os grandes pensadores são excluídos da sociedade.
 - que é uma conformidade social, pois, embora um homem sozinho não consiga dizer a verdade, o coletivo tem por natureza o amor à realidade e à verdade.
-

(+ 60) Segundo o texto, o que são conceitos?

- São algo que não encontramos na natureza, pois se formam a partir do apagamento da diferença entre as coisas.
 - São a manifestação da essência das coisas, isto é, a causa primária de tudo: o que faz uma coisa ser uma coisa. Neste sentido, é algo sobrenatural.
 - São a forma primordial de tudo, que nós temos acesso pelo intelecto.
 - São encadeamentos de palavras, emaranhado de representações, sinais lógico-linguísticos, que o homem forma em sua análise das diferenças e das igualdades entre as coisas.
 - São mero embuste, pura enrolação, algo criado para a conquista de dinheiro e poder.
-

Leia o trecho a seguir:

“Tudo o que destaca o homem do animal depende dessa aptidão de liquefazer a metáfora intuitiva em um esquema de dissolver uma imagem em um conceito. Ou seja, no reino daqueles esquemas, é possível algo que nunca poderia ter êxito sob o efeito das primeiras impressões intuitivas: edificar uma ordenação piramidal por castas e graus, criar um novo mundo de leis, privilégios, subordinações, demarcações de limites, que ora se defronta ao outro mundo intuitivo das primeiras impressões como o mais sólido, o mais universal, o mais conhecido, o mais humano e, por isso, como regulador e imperativo. Enquanto cada metáfora intuitiva é individual e sem igual e, por isso, sabe escapar a toda rubricação, o grande edifício dos conceitos ostenta a regularidade rígida de um columbário romano e respira na lógica aquele rigor e frieza, que são da própria matemática. Quem é bafejado por essa frieza dificilmente acreditará que até mesmo o conceito, ósseo e octogonal como um dado e tão fácil de deslocar quanto este, é somente o resíduo de uma metáfora, e que a ilusão da transposição artificial de um estímulo nervoso em imagens, se não é a mãe, é pelo menos a avó de todo e qualquer conceito.”

(+ 60) A partir disso, podemos afirmar:

- Os conceitos são criados a partir de metáforas individuais e intuitivas, que se esvaziam para se tornar mais gerais, mais abrangentes.
- Não há limites para a criatividade humana, que cria conceitos a partir do zero, sem utilizar metáforas.
- Temos, de um lado, os conceitos, criados a partir do intelecto humano; de outro, temos as metáforas, que surgem a partir da intuição.
- Os conceitos são frutos da racionalidade, que concatena sinais lógicos e matemáticos e forma algo sem usar de metáforas.
- Os conceitos são resíduos de metáforas, que surgem a partir da análise lógica e matemática dos objetos da intuição, que encontram nas coisas as suas essências, isto é, suas causas primordiais, que são modelos da vida.

(+ 60) Leia os itens a seguir e assinale aquele que exprime de maneira mais adequada o que Nietzsche teria querido dizer com a expressão “sentimento da verdade”:

- Na sociedade, as convenções, descritas como metáforas usuais, são aquilo que dá origem à oposição entre verdade e mentira, em particular, ao sentimento da verdade em contraste com a prática da mentira, pois o sentimento da verdade surge com o uso das convenções no dia a dia e com o esquecimento de que elas são também mentiras.
- A sociedade é uma fábrica de conceitos e abstrações, isto é, do apagamento da individualidade e da diferença, de tal modo que ela acaba criando um mundo só para ela, como um mundo de sonhos e de ilusões. O sentimento da verdade seria justamente um princípio de libertação desse mundo; um retorno à realidade, a partir da observação do particular, isto é, a partir da observação do indivíduo.
- Não há na realidade do homem nada que seja efetivamente verdade, por isso o sentimento de verdade é algo que não existe. Mesmo aqueles que se dizem verdadeiros (e que, por isso, poderiam também dizer quem têm o sentimento da verdade), mesmo eles mentem, apenas para que se coloquem acima dos demais e conquistem mais espaço na sociedade.
- A oposição entre verdade e mentira é uma oposição falsa, ou seja, mesmo isso é uma mentira. A verdade nada mais é do que o engano e o esquecimento de que existe algo além da mentira. Neste sentido, o sentimento da verdade seria apenas o esquecimento e a inconsciência de que há mentira.
- As convenções sociais são metáforas usuais, que se repetem há séculos e que, por isso, já não são mais vistas como abstrações, isto é, já não são vistas como mentiras. O sentimento da verdade é o entendimento de que as convenções sociais têm o status de verdade apenas porque o homem se esqueceu de que elas também são mentiras.

(+ 60) No texto, Nietzsche diz que o homem busca a verdade como quem busca aquilo que ele mesmo escondeu. Por que ele fala isso?

- Porque a verdade que o homem encontra na realidade é, na verdade, a realidade do próprio homem (a sua própria invenção), como quem mede a realidade a partir de si mesmo.
- Porque o homem forja a verdade como ele quer, desconsiderando a universalidade das coisas, que ele conhece, mas finge que não conhece.
- Porque o homem é a medida de todas as coisas e toda a realidade é apenas uma criação e abstração humana — e o próprio homem se esqueceu disso.
- Porque o homem cria verdades apenas para dizer que descobriu algo sobre a realidade e a vida — e assim enganar os outros e ascender socialmente.
- Porque o homem cria coisas e se esquece de que foi ele quem as criou, ou seja, o homem é o criador da realidade, mas procura o criador da realidade.

(+ 60) A partir do texto, podemos afirmar que...

- a arte aproxima o homem do sonho, pois, mexendo e rearranjando a cadeia rígida de conceitos que separa sonho de vigília, cria metáforas diferentes das frias e sóbrias metáforas científicas, dando outra aparência ao mundo.
- a arte afasta o homem da realidade e o entrega ao mundo dos sonhos, na medida em que ela rasga a cadeia rígida de metáforas que o homem cria sobre a realidade e abre espaço para que todos vejam o caráter mutável e onírico da realidade das coisas, livre de qualquer metáfora.
- a arte é a única realidade da existência, porque o mundo é como um sonho; a diferença entre vigília e sonho é uma diferença conceitual; neste sentido, a arte é a única que não mente.
- a arte demove as convenções sociais e liberta o homem da mentira que ele criou para si.
- a arte não existe.

Leia o trecho a seguir:

“O intelecto, esse mestre do disfarce, está livre e dispensado de seu serviço de escravo, enquanto pode enganar sem causar *dano*, e celebra então suas Saturnais.”

Agora, responda às duas questões abaixo:

(+ 53) Qual é o “serviço de escravo” do intelecto?

- É o modo como o intelecto se comporta, enredando-se nas convenções sociais, na cadeia rígida de conceitos, para garantir o sustento de seu “senhor”.
- É o jeito como o intelecto trabalha quando causa danos ao seu “senhor”.
- É quando o intelecto trabalha apenas para mentir e distorcer a realidade, em contraposição ao seu aspecto livre, em que pode trabalhar com a verdade.
- É quando o intelecto está aprisionado pela ciência ou pelo homem científico.
- É como o intelecto trabalha quando se vê ligado à arte, por isso todo artista se comporta como um escravo, gastando toda energia na sua criação.

(+ 40) O que acontece quando o intelecto está “livre e dispensado de seu serviço de escravo”?

- Ele vê as convenções sociais e a rigidez conceitual apenas como suporte para seu voo; um voo livre e, por vezes, inefável, guiado agora pela intuição.
- Ele finalmente pode fazer algo para garantir o sustento de quem o carrega.
- Ele acaba encontrando nas convenções sociais uma morada, sentindo-se satisfeito com o que tem, não buscando mais do que o necessário.
- Ele perde o sentido e não encontra mais chão na existência, de modo que desaparece, como um planeta que se congela após perder o seu sol.
- Ele se torna algo destrutivo, o que reflete na destruição da própria sociedade, à medida em que deixa as convenções sociais e se encanta com a barbárie.

Sobre o homem intuitivo e o homem racional, assinale V (verdadeiro) ou F (falso).

(+08) O homem racional luta contra a dor e o sofrimento, e, com os conceitos, é feliz.

- V
- F

(+08) O homem intuitivo colhe, de suas intuições, alegria e entusiasmo.

- V
- F

(+08) O homem racional sofre com mais frequência do que o homem intuitivo.

- V
- F

(+08) O homem intuitivo não aprende com a experiência, e assim costuma repetir deslizes.

- V
- F

(+08) O homem racional aprende com a experiência e, ao mesmo tempo, consegue se guiar por suas intuições.

V

F

(+08) Um grande exemplo de homem racional é o homem estoico, que carrega uma máscara de impassibilidade frente à realidade. É um grande mestre do disfarce.

V

F

(+08) O homem estoico, no fundo, é um homem intuitivo, mas que se disfarça de homem racional.

V

F

(+08) O homem estoico é feliz na infelicidade.

V

F
